

ENSAIO TEÓRICO



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Sandro Márcio Drumond Alves

Marengo (UFS)

- André Xavier (UFPR)

- Ana Regina Campelo (INES)

SOBRE OS AUTORES

- Tarcisio de Arantes Leite

Conceitualização, curadoria de dados, análise Formal.

Metodologia – visualização.

Escrita - rascunho original, análise e edição.

- João Paulo Ampessan

Curadoria de Dados, análise formal, investigação, visualização.

- Jaqueline Boldo

Curadoria de Dados, análise formal, investigação, visualização.

- Juliana Tasca Lohn

Curadoria de dados, análise formal, investigação, visualização.

- Graciete S. A. de Oliveira

Curadoria de dados, análise formal, investigação, visualização.

DATAS

- Recebido: 19/04/2021

- Aceito: 24/12/2021

- Publicado: 22/03/2022

COMO CITAR

Leite, T. A.; Ampessan, J. P.;

Boldo, J.; Lohn, J. T.; Oliveira, G.

S. A. (2021). Semântica lexical na

libras: libertando-se da tirania

das glosas. *Revista da Abralín*,

v. 20, n. 2, p. 1-23, 2021.

Semântica lexical na libras: libertando-se da tirania das glosas

Tarcisio de Arantes LEITE

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

João Paulo AMPESSAN

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Jaqueline BOLDO

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Juliana Tasca LOHN

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Graciete Sores Azevedo de OLIVEIRA

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)

RESUMO

Neste artigo, estudamos a semântica lexical aplicada à libras nos distanciando daquilo que Slobin (2015 [2008]) denominou como a *tiranía das glosas* na linguística das línguas de sinais, isto é, a perpetuação da dependência de glosas em línguas orais para a investigação das línguas de sinais. Nosso objetivo é duplo: argumentar sobre os equívocos e prejuízos de continuarmos associando sinais com palavras em nossas pesquisas sobre a libras; e demonstrar o refinamento de análise possibilitado pela reflexão sobre uma semântica lexical que aborde a libras em seus próprios termos. Partindo de um item lexical de estímulo, eliciamos frases em libras de surdos proficientes e pedimos que listassem possíveis sinônimos do sinal nos contextos ofertados. O contraste semântico entre os sinais nos permitiu identificar redes paradigmáticas de base sinonímica e hiponímica associadas ao item lexical estudado, demonstrando que a utilização da libras como metalinguagem possibilita compreender a semântica dos sinais para além do simplismo e dos vieses semânticos de glosas do português.

ABSTRACT

In this paper, we explore the field of lexical semantics applied to Brazilian Sign Language (Libras) by distancing ourselves from what Slobin (2015 [2008]) has referred to as the *tyranny of glosses* in sign language research, that is to say, the perpetuation of dependence on spoken language glosses for the investigation of signed languages. Our goal is twofold: to argue against the fallacies and shortfalls of continuing to associate signs with words in research on the grammar and semantics of Libras; and to demonstrate the refinements made possible by investigating Libras in its own terms. Starting with a particular sign as stimulus, participants produced examples of sentences and listed potential synonyms for the sign in the contexts they offered. By contrasting the alternative signs semantically, we identified synonymic and hyponymic paradigmatic networks associated with the sign being investigated, showing that the use of Libras as metalanguage allows us to understand the semantics of signs beyond the biases and simplifications of isolated words in Portuguese.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística de língua de sinais. Libras. Transcrição por glosas. Semântica lexical. Relações semânticas.

KEYWORDS

Sign language linguistics. Brazilian Sign Language. Transcription with glosses. Lexical Semantics. Semantic relations.

O problema da pesquisa

...[a] prática da glosa em letras maiúsculas, este método de representar as línguas sinalizadas – mesmo com a adição de várias marcas diacríticas e comentários em uma língua escrita – me parece ser uma aceitação estranha, quase neocolonialista, de que a língua oral da comunidade circundante é de alguma maneira relevante para a análise linguística da língua sinalizada local. (SLOBIN, 2015 [2008]: 849).

Em uma fala pública dos autores deste trabalho, em que argumentávamos sobre os motivos de rejeitarmos a menção a palavras ou glosas em português em nossos estudos sobre a semântica dos sinais da libras, um dos membros da plateia fez uma colocação que ele formulou como “crítica”. O colega comentou que parecíamos muito radicais em nosso discurso de “excluir o português” do estudo sobre a libras, já que o bilinguismo e o contato com o português fazem parte do cotidiano das pessoas surdas, sendo essa situação de contato linguístico natural e inevitável. Diante dessa questão, parece-

nos importante iniciarmos a presente reflexão explorando as relações entre o contexto sociolinguístico da comunidade surda e o contexto acadêmico das pesquisas linguísticas sobre a libras, antes de introduzirmos a nossa proposta de estudo propriamente dita.

Em situações de bilinguismo social, em que diferentes interlocutores apresentam diferentes níveis de proficiência nas línguas em contato, utilizar uma expressão em uma língua para explicar o significado de uma expressão em outra língua pode se tornar uma prática social comum. Presente particularmente no contexto de ensino de línguas, ainda que não exclusivamente, essa prática pode ser uma solução eficiente e eficaz dependendo dos propósitos práticos dos interlocutores na interação, possibilitando que prossigam, sem maiores complicações, com o que quer que estejam fazendo em um dado momento. A validade pragmática dessa solução, contudo, não resolve a lacuna semântica que permanece em relação às diferentes nuances de significado que qualquer expressão de uma língua possua, seja ela qual for.

Apesar disso, no contexto de *bilinguismo popular* (PAULSTON, 1980) em que a maioria das pessoas surdas vive diariamente, envolvendo a libras como língua minoritarizada¹ e o português como língua oficial e hegemônica, a prática de explicar sinais da libras recorrendo a palavras do português é comum e bastante arraigada na vida da comunidade surda, muito além do contexto de ensino da libras. Podemos especular sobre possíveis fatores sociolinguísticos que contribuem para essa situação: o fato de a libras não ter o mesmo poder de circulação que o português nos contextos institucionais e formais²; a ausência de um sistema de escrita plenamente adaptado às diferentes mídias do século XXI, que possibilite aos surdos substituir o português escrito em sua comunicação cotidiana mediada pelas tecnologias digitais; a existência de ideologias linguísticas que pressupõem, equivocadamente, que as línguas de sinais estejam subordinadas ao vocabulário e às estruturas das línguas orais (QUADROS; KARNOPP, 2004; WILCOX; WILCOX, 2005; GESSER, 2009); entre outros fatores.

Sem querer apontar uma causalidade direta e reducionista, o fato é que, em meio a essas variadas condições sócio-históricas, a subordinação da semântica da libras ao português tornou-se a tal ponto naturalizada na experiência da comunidade surda que falantes proficientes na libras encontram dificuldades em elaborar o significado dos sinais em termos de outros sinais, por meio de uma linguagem metalinguística elaborada na própria libras. Ao invés disso, sempre tendemos a descrever a semântica de um sinal fazendo referência a uma palavra do português que supostamente representaria o significado desse sinal.

Certamente, essa suposta dependência da semântica dos sinais em relação às palavras do português é um problema de reflexão sobre o nosso conhecimento da libras, não uma dependência

¹ Utilizamos o termo “língua minoritarizada”, ao invés de “língua minoritária”, para destacar a nossa compreensão de que a libras não deveria ser vista como uma língua falada por “um número pequeno de habitantes”, mas sim como uma língua marginalizada em relação à língua hegemônica falada no país, tal como se dá com as línguas dos povos originários do Brasil (MAHER, 2015).

² A própria “Lei de Libras”, n. 10.436/2002, amplamente referenciada por ser a lei que impulsionou inúmeros avanços na vida das pessoas surdas, reconhece a libras como língua dessa comunidade, mas também inclui, em seu artigo final, que a libras não poderá substituir o português escrito, deste modo perpetuando a hegemonia do português sobre a libras nos contextos de caráter institucional e formal – assim como acontece com outras línguas não oficiais do país.

semântica de fato. Os surdos proficientes em libras, como não poderia deixar de ser, trazem consigo intuitivamente o conhecimento tácito das múltiplas nuances de significado dos sinais da libras em seus contextos particulares de uso – o que pode ser melhor visto quando surdos estão em situações de interação espontânea com outros surdos. Na condição de pesquisadores da semântica lexical aplicada à libras, portanto, a nossa tarefa é a de desenvolver meios que possibilitem o resgate desse conhecimento tácito e implícito sobre o sofisticado repertório lexical que a libras possui, assim como a linguística sempre procedeu com as línguas orais.

Retomando a questão do colega introduzida anteriormente, parece-nos importante deixar claro, portanto, que a nossa ênfase em rejeitar o apelo a palavras e glosas do português não implica uma rejeição da realidade sociolinguística heterogênea das pessoas surdas. Enquanto linguistas, estamos cientes de que contextos sociais de línguas em contato envolvem variados tipos e graus de influência mútua de uma língua sobre a outra e particularmente das línguas hegemônicas sobre as línguas minoritizadas, considerando-se diversas variáveis sociais inerentes às situações de comunicação, tais como: quem fala para quem, em qual ambiente, em que momento, por qual meio, com qual propósito, entre outros fatores. Na verdade, é precisamente pelo fato de a influência das línguas orais sobre as línguas de sinais ser tão marcante na vida das pessoas surdas que sentimos a necessidade, metodologicamente, de exercer um distanciamento crítico em relação a essa influência em nossa pesquisa. Desse modo, a presente abordagem nos parece muito mais uma questão de “rigor científico” do que de “radicalismo político”.

Ao mesmo tempo, não desconsideramos o enquadramento “político” e “radical” deste trabalho, que se reflete particularmente na escolha do título do artigo. Na seção 1, buscaremos justificar os motivos de ecoarmos aqui as palavras de Dan Slobin em sua crítica sobre a “tirania das glosas” no estudo das línguas de sinais. Argumentaremos que a dependência metodológica da escrita de línguas orais nas pesquisas sobre as línguas de sinais, embora compreensível historicamente, somente permanece como prática hegemônica nos dias atuais devido à conveniência de mantermos (ao invés de transformarmos) os procedimentos metodológicos tradicionais da pesquisa linguística, desde o processo de geração de dados até a publicação dos resultados, o que nesta entrada da terceira década do século XXI raramente se justifica.

Na seção 2 do artigo, apresentaremos os fundamentos teóricos da pesquisa, ancorando a nossa investigação em conceitos básicos da linguística de base estruturalista (tais como o de sintagma e paradigma para a compreensão de língua enquanto sistema) e do campo mais específico da semântica (tais como os de sinonímia, hiponímia e polissemia para a compreensão das redes de relações semânticas entre itens lexicais). Em seguida, na seção 3, apresentaremos a nossa proposta metodológica, que envolveu sessões de eliciação baseadas em investigações introspectivas a partir de um item lexical de estímulo na libras.

Na seção 4, descreveremos os resultados de nosso primeiro exercício de investigação sobre a semântica do sinal ilustrado na Figura 1, descrevendo redes de relações de polissemia, sinonímia e hiponímia, bem como buscando uma definição metalinguística para o sinal.

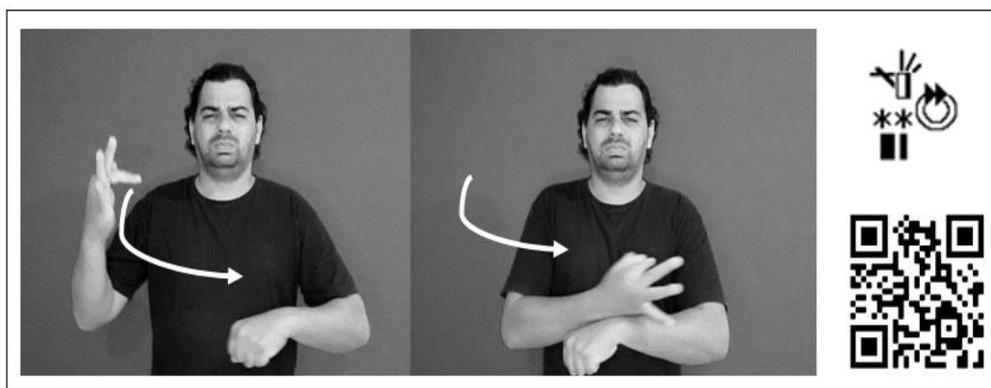


FIGURA 1 – item lexical da libras investigado neste estudo.

Fonte: elaborada pelos autores.

Seguindo o padrão da figura acima, apresentaremos os dados explorando fotos com imagens dos sinais (à esquerda), uma representação escrita de sinais denominada *signwriting* (parte superior à direita) e QR-codes que remetem a vídeos com os sinais em seu movimento natural (parte inferior à direita). O objetivo é o de ampliarmos a sensibilização do leitor com os dados empíricos em libras, ao invés de apelarmos desnecessariamente para glosas em português. Ainda assim, não podemos esquecer que a modalidade e a língua deste canal de publicação – isto é, o português em sua forma escrita, torna inevitável que a nossa elaboração semântica da libras continue sendo feita aqui com a mediação (e vieses) do português escrito.

Ao final, esperamos demonstrar o valor de se pesquisar a semântica dos sinais explorando uma metalinguagem exclusivamente baseada na libras, identificando as relações que os signos dessa língua estabelecem uns com os outros. Os resultados deste trabalho mostram que as glosas podem hoje ser facilmente substituídas por outros modos de representação gráfica dos sinais, favorecendo uma compreensão da libras de modo independente do português e revelando a semântica dos sinais em toda a sua sofisticação e complexidade.

1. A interferência de línguas orais nas pesquisas sobre línguas de sinais

Ao observarmos o histórico das pesquisas das línguas de sinais (LSs), podemos notar que a estreita associação entre a semântica dos sinais com as palavras de línguas orais (LOs) não se deu apenas na vida cotidiana da comunidade surda, mas também esteve profundamente enraizada na prática de pesquisa acadêmica. Por outro lado, também esteve presente desde o início dos estudos das LSs uma atitude de cautela em relação à interferência teórica e metodológica das LOs sobre o estudo das LSs. Já na década de 70, Baker e Padden (1978) problematizavam a sua busca por unidades gramaticais constituintes da sintaxe da ASL:

Nós não temos ainda uma gramática da ASL. Um grande obstáculo para a elaboração dessa gramática é o fato de não sabermos exatamente o que chamar de sentença na ASL, ou o que constitui uma unidade gramatical [nessa língua]. Isso é particularmente verdadeiro para as sequências de sinais que envolvem mecanismos que não são encontrados nas línguas orais – tais como o uso do espaço pelo sinalizador para indicar relações gramaticais. Queremos ter cautela para não impor o inglês ou estruturas baseadas em línguas orais sobre os sinais. O que nós necessitamos é de uma estratégia para compreendermos o que os sinalizadores surdos reconhecem como unidades gramaticais em sua própria língua (Baker e Padden, 1978, p. 35, tradução nossa).³

Ainda que o interesse de Baker e Padden estivesse voltado à identificação de unidades gramaticais na ASL, e não à análise propriamente semântica de itens lexicais, o alerta se mostra relevante para todos os níveis de análise linguística. Por um lado, precisamos evitar a imposição de estruturas das LOs sobre as LSs e, por outro lado, precisamos buscar estratégias para compreender como os surdos percebem a estrutura das LSs em seus próprios termos.

Quando os primeiros estudos sobre as LSs surgiram, principalmente a partir dos anos 1960 e 1970, toda a base teórico-metodológica da linguística havia sido construída a partir das LOs (KENDON, 2014), trazendo a tecnologia da escrita como principal ferramenta de registro, análise e apresentação de dados linguísticos (LEITE, 2013). Não por acaso, foi por meio do desenvolvimento de uma sistema de notação escrita dos sinais que William Stokoe (1960) pôde desvendar pela primeira vez o caráter combinatório e produtivo de unidades mínimas na *American Sign Language* (ASL), explorando o mesmo arcabouço teórico estruturalista vigente em sua época (a dupla articulação da linguagem nos níveis fonológico e morfológico) e o mesmo aparato metodológico-tecnológico da linguística (a ferramenta escrita) para demonstrar que as LSs são tão estruturadas e sofisticadas quanto quaisquer LOs, ao contrário do que circulava – e por vezes ainda circula – nos estudos da linguagem.⁴

Apesar disso, desde Stokoe até os dias atuais, as LSs sempre colocaram grandes desafios à criação de um sistema de escrita autônomo eficiente. Alguns sistemas para o registro escrito de sinais já foram propostos, entre os quais podemos citar o *sign writing* (STUMPF, 2005) e a ELiS (ESTELITA, 2008), mas esses sistemas ainda não adentraram o cotidiano de vida das pessoas surdas, pelo menos em parte por estarem ainda em processo de adaptação às novas tecnologias de comunicação – o que neste século XXI parece ser um pré-requisito para a disseminação social de qualquer escrita. Sem esse recurso tecnológico, o registro das LSs para fins de pesquisa tem sido historicamente mediado pela escrita das LOs de cada país, por meio da criação de sistemas de notação baseados em glosas

³ “We do not yet have a grammar of ASL. One major obstacle toward our devising such a grammar is that we do not really know what to call a sentence in ASL or what constitutes a grammatical unit. This is particularly true of those signed sequences that involve mechanisms not found in oral languages – such as the signer’s use of space to indicate grammatical relationships. We want to be wary of imposing English or oral language-based structure on the sign. What we need is a tool for understanding what deaf signers perceive to be grammatical units in their language” (BAKER; PADDEN, 1978: 35).

⁴ Mesmo após 60 anos de pesquisas linguísticas em âmbito internacional demonstrando de forma inequívoca que as línguas de sinais possuem todas as propriedades das línguas naturais, encontramos ainda na atualidade autores no campo da linguística que colocam em suspenso o seu estatuto enquanto línguas naturais, como revela a nota de rodapé 1 de Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 29).

das LOs para representação dos sinais manuais, acompanhadas de marcadores diacríticos para representação de articulações não manuais, tais como direção do olhar, expressão facial, entre outras.

Nesse contexto de discussão, McCleary e Viotti (2007) nos lembram que a prática de glosagem nas pesquisas com LSs inevitavelmente induz a associações estreitas entre a interpretação semântica e gramatical das palavras do português e os sinais da libras que elas supostamente representariam. Os autores afirmam que as glosas nesse contexto deveriam ser vistas como nada mais do que nomes convencionalmente associados aos sinais, para fins de pesquisa, não devendo ser confundidas, portanto, nem com o sentido do sinal nem com a sua categoria ou função gramatical.⁵ Mesmo diante dessa ressalva, seria ingênuo do ponto de vista científico assumir que os instrumentos de registro e análise (neste caso, as glosas) não interfiram nos resultados da pesquisa. Da mesma maneira que não conseguimos deixar de enxergar o mundo com uma cor avermelhada se estivermos usando óculos com lentes vermelhas, não há como enxergarmos os sinais da libras livre dos vieses das estruturas gramaticais do português se continuarmos observando os sinais sob as lentes opacas das glosas.

É interessante também notar que a utilização de glosas de uma língua oficial *em substituição* às palavras de uma língua minoritarizada seria considerado inaceitável no contexto de estudos linguísticos de LOs. Nenhum linguista jamais aceitaria uma publicação sobre uma língua dos povos originários do Brasil, por exemplo, que não apresentasse qualquer forma de transcrição ortográfica da língua sob estudo, ainda que essa transcrição pudesse estar acompanhada de glosas e de traduções em português pelo fato de ser essa língua oficial no contexto brasileiro. Mais uma vez é Slobin (2008) quem faz essa crítica:

Quando linguistas que estudam uma língua oral escrevem sobre esta língua, eles têm uma série de vantagens: podem usar uma notação padrão no nível fonológico (o IPA), e também podem lançar mão de formas ortográficas padrão para representar morfemas e palavras. O que é mais importante para a análise linguística, há um sistema compartilhado de indicar morfemas gramaticais que pode ser usado em diversas línguas. Um linguista alemão e um linguista americano escrevendo sobre Navajo *podem descrever seus dados de maneiras independentes das que usam para escreverem em Alemão ou Inglês*. Precisamos trabalhar em prol de um nível similar de transparência e comparabilidade translinguística para o estudo das línguas sinalizadas (Slobin, 2015 [2008], p. 849, grifos nossos).

Slobin deixa claro que a análise linguística de uma língua, seja ela qual for, requer uma forma de representação autônoma da língua sob investigação, *um modo de descrição que seja independente* das línguas oficiais nas quais as produções científicas são escritas. E é nesse sentido que o autor se refere à “tirania das glosas” no campo da linguística das LSs como uma prática “quase neocolonialista”. A

⁵ É importante destacar que a prática de transcrição e glosagem nas pesquisas sobre as LSs não segue a mesma lógica -- tampouco o mesmo rigor -- das pesquisas voltadas às LOs (e.g. Leipzig Glossing Rules, 2015). Nas publicações com Los, são apresentadas em linhas separadas: (i) a forma fonológica/fonética da língua pesquisada; (ii) os morfemas glosados na língua da publicação; e (iii) a tradução do dado na língua da publicação. Desse modo, esses três níveis de representação não se confundem. O fato de as pesquisas sobre as LSs não se pautarem em práticas de transcrição e glosagem dessa natureza, frequentemente omitindo as linhas (i) e (iii), é um dos fatores que certamente contribui para os problemas apontados neste artigo. Agradecemos a André Nogueira Xavier por nos chamar atenção para esse ponto.

prática é “tirânica” porque as glosas das LOs continuam sendo impostas, de forma hegemônica e sem questionamento, como meio de representação dos sinais, perpetuando a dependência teórica e metodológica das LSs em relação às LOs circundantes.

A dependência histórica da escrita de LOs para a geração e análise de dados das LSs, bem como para a veiculação dos resultados das pesquisas em mídias de base impressa, ainda hoje continua induzindo os pesquisadores à adoção de glosas nas diversas etapas da pesquisa com LSs. Contudo, especialmente nestes tempos de grande avanço tecnológico, dispomos de uma variedade de recursos para uma representação dos sinais que não envolvem a mediação das LOs – fotos, vídeos, além das próprias escritas de sinais, que embora possam não ser tão disseminadas para fins de comunicação cotidiana, certamente podem ser empregadas como instrumentos de registro, análise e apresentação de dados em pesquisas científicas. Apesar disso, ao observarmos as produções no campo de estudos das LSs, a prática de registrar, analisar e apresentar dados das LSs por meio de palavras escritas das LOs se perpetua... praticamente naturalizada.⁶

2. A natureza sistêmica do valor semântico do sinal

Quando registramos um sinal⁷ da libras por meio de glosas em português, seja qual for o propósito da análise, é inevitável atribuímos ao sinal o significado sugerido pela glosa à qual ele foi associado. Esse processo é reforçado pela retórica de nossas reflexões metalinguísticas sobre as LSs. Por exemplo, quando as publicações dizem algo como, “o sinal SILÊNCIO (Figura 2) é produzido na região da boca”, declarar que o sinal em estudo significa “silêncio” poderia parecer uma afirmação do óbvio ululante, se não fosse uma *afirmação falsa!*

⁶ Em Leite (2013), o primeiro autor argumenta que a conveniência de se fazer recurso *exclusivamente* ao instrumento da escrita nas pesquisas linguísticas em detrimento de outros instrumentos de registro da língua viva, tal como fotos e vídeos, limita o nosso alcance de compreensão não apenas das LSs, mas também das LOs, na medida em que torna invisível a dimensão (corp)oral visual que constitui todas as línguas humanas.

⁷ Parece-nos relevante salientar, em especial àqueles que desconhecem a linguística das LSs, que aquilo que chamamos de *sinais* nas LSs devem ser compreendidos como possuindo o mesmo estatuto do que chamamos de *palavras* nas LOs; isto é, trata-se de signos linguísticos articulados (STOKOE, 1960), convencionais e arbitrariamente estabelecidos (KLIMA; BELLUGI, 1979). Desse modo, o uso do termo *sinal* no contexto deste artigo não deve ser confundido com o seu uso mais comum no campo da linguística geral e da semiótica, nas quais o termo está associado a recursos comunicativos da natureza não linguística, não verbal (Leite, 2021).



FIGURA 2 – item lexical da libras (glosado como) SILÊNCIO.

Fonte: elaborada pelos autores.

Em primeiro lugar, “silêncio” não é o significado do sinal, mas sim uma possível tradução do sinal para o português. Confundir as duas asserções significa confundir o campo de estudo da semântica lexical aplicada à libras com o campo de estudos da tradução libras-português. Corrigido esse primeiro equívoco, podemos então abordar a análise semântica dos sinais da libras em termos de outros sinais da própria libras, de maneira metalinguística. Neste artigo, faremos esse exercício partindo de uma perspectiva estruturalista baseada na teoria saussureana, segundo a qual o valor semântico do sinal só pode ser definido a partir de uma análise interna ao sistema linguístico em que ele opera, colocando-o em relações de oposição com outros itens lexicais da língua (SAUSSURE, 2006 [1913]).

Em sua visão precursora sobre as línguas humanas, Saussure propôs uma compreensão das línguas enquanto sistemas semióticos autônomos, passíveis de serem analisados e descritos em uma perspectiva sincrônica, isto é, em um recorte abstrato da língua como sistema de relações independente de tempo e espaço. Num dado sistema linguístico, Saussure argumenta, os signos adquirem o seu valor fonológico e semântico não de atributos inerentes, mas pela oposição que cada signo estabelece com outros signos, em relações sintagmáticas (i.e. o eixo de combinação sequencial dos signos) e em relações paradigmáticas (i.e. o eixo de associação com outros signos, com base em semelhanças e diferenças de forma e sentido).

Deslocando-se do nível mais geral do sistema linguístico para o da semântica especificamente, podemos então operar com os conceitos de sintagma e paradigma de modo a descrever a natureza sistêmica do valor semântico do sinal. Assim, ao observar outros itens lexicais com os quais um dado sinal co-ocorre em contextos sintagmáticos específicos, bem como as suas redes paradigmáticas com base em associações convergentes e divergentes de sentido, podemos revelar relações de sinonímia, hiponímia, polissemia, entre outras.

A relação semântica que será o nosso ponto de partida de análise neste artigo é a sinonímia. De acordo com Pietroforte e Lopes (2003), podemos dizer que “dois termos são chamados sinônimos quando apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro em determinado contexto” (p. 126). Contudo, essa visão exige ressalvas, porque ao refletir sobre os contextos em que certas expressões sinônimas são empregadas, notamos que não existem sinônimos perfeitos porque “mesmo quando

os termos podem substituir-se no mesmo contexto ... as condições de emprego discursivo são distintas” (id.). Para ilustrar esse argumento, Pietroforte e Lopes oferecem como exemplo uma distinção de intensidade entre as palavras “adorar” e “amar”, que poderiam ser consideradas sinônimas no português.

Metodologicamente, identificamos os sinônimos ao substituir uma palavra por outra no contexto de uma dada frase, sem que a frase deixe de ser verdadeira para os fins dos interlocutores naquele contexto. Esse procedimento de substituição de palavras em um mesmo contexto frasal possibilita não apenas identificar *sinônimos aproximativos* (POLGUERE, 2018, p. 162), mas também nuances de sentido dos sinais em estudo, além de outras relações paradigmáticas. É o que se dá, por exemplo, com a *hiponímia*, que envolve relações de sentido entre uma expressão com um significado mais específico e outra expressão com significado mais abrangente (PIETROFORTE; LOPES, 2003, p. 128); e a *polissemia*, quando uma expressão envolve “mais de um significado para o mesmo significante” (PIETROFORTE; LOPES, 2003, p. 131).

Com base nessas noções teóricas fundamentais, selecionamos o sinal da Figura 1 apresentado na introdução deste artigo como um primeiro objeto de investigação. Essa escolha se deveu não tanto por um interesse específico pelo campo semântico deste sinal, mas sim pela necessidade de definirmos um ponto de partida, ainda que aleatório, que pudesse ilustrar o tipo de abordagem metodológica que buscamos em nossa investigação sobre a semântica lexical aplicada à libras.

3. Em busca da intuição de falantes proficientes em libras

Segundo Chafe (1994), as pesquisas linguísticas operam metodologicamente com diferentes tipos de dados empíricos: investigações introspectivas, quando o pesquisador gera dados a partir da intuição sua ou de outros falantes de modo a construir uma teoria ou descrever a língua (e.g. abordagem da gramática cognitiva, como em LANGACKER, 1986); entrevistas de eliciação de informações linguísticas específicas ou de produções semi-espontâneas, quando o pesquisador gera dados de terceiros a partir de um conjunto de estímulos pré-determinados e/ou cria condições específicas para a produção de um discurso espontâneo (e.g. as entrevistas sociolinguísticas, como em LABOV, 1984); e a geração de dados espontâneos, quando o pesquisador documenta o discurso produzido espontaneamente pelos falantes em seu contexto cotidiano de vida (e.g. as abordagens linguísticas voltadas à interação social, como em GUMPERZ, 2004).

Em nossa pesquisa sobre a semântica da libras, pretendemos explorar diferentes abordagens metodológicas ao longo do tempo – considerando os seus potenciais e limitações intrínsecos e suas possíveis convergências teóricas. No entanto, neste momento inicial do projeto, estamos trabalhando com a abordagem menos complexa metodologicamente, isto é, com a eliciação de dados introspectivos, compreendendo que os resultados alcançados por meio dessas abordagens servirão como um processo produtivo de geração de hipóteses que mais tarde poderão ser confirmadas e

ampliadas, ou ainda desconfirmadas, a partir do estudo de corpora de dados espontâneos e semi-espontâneos (e.g. explorando corpora tais como o inventário da libras, QUADROS et al., 2018).

Desse modo, iniciamos a nossa investigação com o primeiro autor desta publicação eliciando dados dos demais autores, surdos proficientes da libras e também membros do projeto, de modo a explorarmos diferentes nuances de significados do sinal em estudo. A reflexão passou por três diferentes etapas, que simularam as entrevistas de eliciação que futuramente pretendemos fazer com um número maior de participantes: primeiro, a partir de um item lexical da libras como estímulo, os participantes surdos geraram um conjunto de diferentes frases em que o sinal poderia ocorrer; segundo, foram apresentadas situações sociais específicas em que essas frases poderiam ser produzidas, envolvendo quem disse a frase para quem, em que ambiente e com qual intenção, como se evocássemos um contexto enunciativo para a frase; e terceiro, foram identificados potenciais sinônimos desse sinal nos contextos sintagmáticos levantados.

De modo a analisar os dados, primeiramente gravamos em vídeo as frases produzidas em libras, as situações sociais em que foram inseridas e os sinônimos em potencial para cada contexto frasal oferecido. A partir desses dados, exploramos as novas tecnologias de registro e manipulação de imagens de modo a possibilitar uma leitura estática das frases por meio de sequências de fotos, viabilizando assim a sua análise detida (LIDDELL, 2003).

Para isso, transformamos as frases em libras em uma sequência de imagens utilizando o programa de transcrição ELAN (<https://archive.mpi.nl/tla/elan>) para identificação das sentenças relevantes ao estudo, bem como para navegação no vídeo de modo a localizar com maior precisão os frames do vídeo que seriam utilizados para representar os sinais das frases. Uma vez localizados os frames de melhor qualidade desses sinais, utilizamos um atalho do programa OneNote, que acompanha o pacote do Microsoft Office, para extração da imagem e colagem no documento do Word de forma estruturada e linear, buscando ajustar o tamanho das imagens de modo a limitar cada frase a uma única linha. Consideramos esse procedimento necessário para facilitar uma leitura global do contexto sintagmático em análise.

Retomamos e ampliamos a seguir algumas convenções adotadas em relação à apresentação dos dados para fins desta publicação (Figura 3): (a) destacamos o sinal em estudo utilizando bordas realçadas; (b) cada um dos sinais da frase são separados por espaços; (c) quando julgamos necessário para a compreensão de alguns sinais, apresentamos duas imagens para um único sinal, uma para configuração inicial e outra para a configuração final, neste caso sem empregar espaço entre as imagens, e por vezes incluímos setas para mostrar a direção do movimento; (d) abaixo da frase em libras, apresentamos uma *possível tradução*⁸ da frase para o português.

⁸ Nas imagens, fazemos referência à noção de “possíveis traduções” como uma estratégia adicional de desassociação dos sinais em relação a formas específicas do português, buscando sempre traduzir as frases com base no seu sentido global e na adequação pragmática da tradução aos contextos de uso do português.



FIGURA 3 – uma das frases geradas no exercício de investigação introspectiva.

Fonte: elaborada pelos autores.

Na tradução em português, seguimos a proposta de McCleary e Viotti (2007) e colocamos entre parênteses os elementos que, no processo tradutório, só podem ser recuperados pelo contexto e/ou que são próprios da estrutura gramatical do português. Desse modo, a Figura 3 acima apresenta uma frase composta por 3 sinais manuais, o segundo e o terceiro divididos em duas imagens por apresentarem mudanças de localização, e o último sinal com as bordas destacadas por ser o sinal em estudo.

4. Explorando a semântica de um sinal da libras sem a mediação de glosas

Na Figura 4, apresentamos as frases que geramos a partir da investigação introspectiva do sinal em estudo, que aparecem nos quadros em destaque⁹:

⁹ Nos dados e nas análises aqui apresentadas, não estamos atentando para as expressões faciais e para eventuais nuances de sentido que elas possam trazer à semântica global do enunciado, partindo do pressuposto de que a dimensão suprasegmental da significação deva ser mais bem analisada em um momento posterior à identificação dos valores semânticos inerentes aos itens lexicais da libras.

Situação da Frase n. 1: O membro de uma plateia em uma conferência reclama para um amigo:



Possível tradução: “(Não) aguento (mais essa) palestra interminável!”

Situação da Frase n. 2: Um paciente reporta ao médico como se sente:



Possível tradução: “(Meu) braço quebrado (tá) doendo (demais!)”.

Situação da Frase n. 3: Uma pessoa está fazendo a mudança de seus móveis para outra sala:



Possível tradução: “(Essa) mesa (tá) pesada (demais pra) carregar!”

Situação da Frase n. 4: Um aluno faz um pedido ao professor em meio a uma prova:

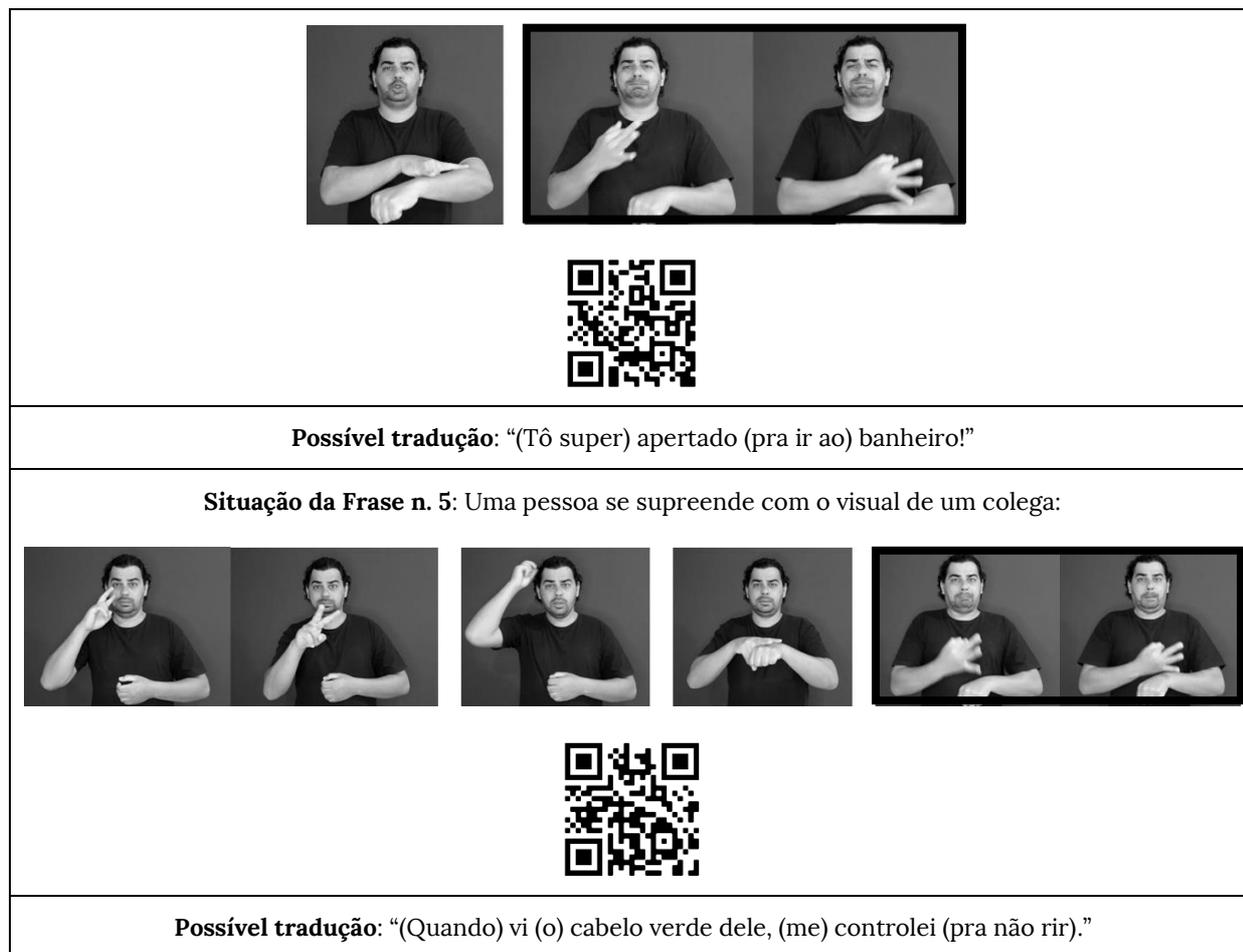


FIGURA 4 – frases geradas na investigação introspectiva do sinal 

Fonte: elaborada pelos autores.

O contraste entre o uso desse item lexical em diferentes contextos sintagmáticos nos possibilita identificar uma primeira rede paradigmática (SAUSSURE, 2006 [1913]) envolvendo as suas nuances de significado. Na Frase 1, o sinal se mostra relacionado à experiência de “suportar um incômodo psicológico”, neste caso o incômodo relativo a ter que assistir uma palestra considerada muito longa; na Frase 2, o sinal se mostra relacionado à experiência de “suportar uma dor física”, neste caso a dor resultante de um braço quebrado; na Frase 3, o sinal se mostra relacionado à experiência de “suportar um esforço físico”, neste caso o de carregar uma mesa pesada; na Frase 4, o sinal se mostra relacionado à experiência de “conter uma necessidade fisiológica”, neste caso a de urinar ou defecar; e na Frase 5, o sinal se mostra relacionado à experiência de “conter a expressão de um estado psicológico interno”, neste caso a vontade de rir, evitando que outras pessoas se sentissem ofendidas por esse comportamento.

Observando essas nuances, podemos estabelecer uma possível rede semântica de relações entre essas diferentes significações, conforme ilustrado na Figura 5.

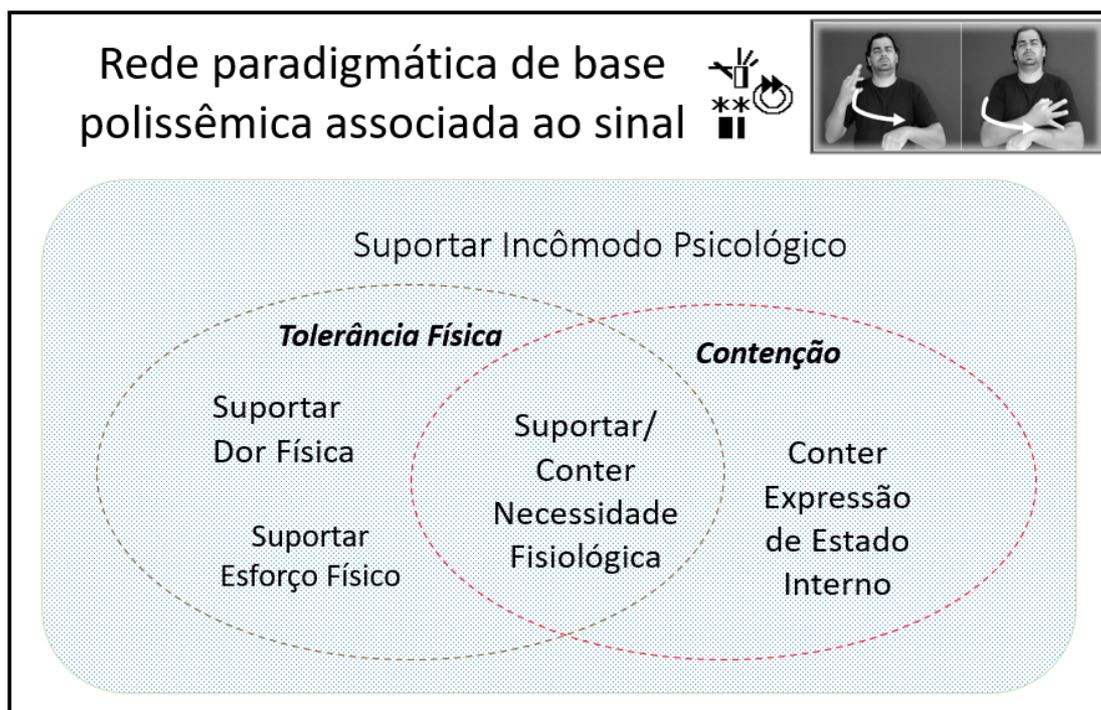


FIGURA 5 – rede paradigmática de base polissêmica associada ao sinal 
 Fonte: elaborada pelos autores.

Argumentamos que “suportar um incômodo psicológico” (Frase 1) é o significado mais abrangente, pois parece também estar implícito nos demais significados descritos. Dentre os significados mais específicos, identificamos dois grupos: o primeiro relativo a tolerar incômodos físicos (i.e. suportar dor física e suportar esforço físico, Frases 2 e 3); e o segundo relativo a conter ou reprimir estados internos (i.e. conter uma necessidade fisiológica e conter a expressão de um estado psicológico, Frases 4 e 5). Além disso, o significado da Frase 4 se mostra ambíguo em relação às duas nuances, a de “suportar um incômodo físico” e a de “conter um estado interno”, tendo sido localizada, portanto, na interface desses dois agrupamentos semânticos. Cabe salientar que não pretendemos apontar fronteiras rígidas entre esses significados, pois é possível vislumbrar como determinados contextos são suficientemente ambíguos para possibilitar a gradual deriva semântica do sinal, de um sentido para outro.

A identificação dessas redes semânticas associadas ao sinal é importante para aprendermos o léxico da libras, porque nos permite prever – com relativa confiabilidade – contextos frasais em que os sinais são convencionalmente empregados. Por exemplo, sabendo que o item lexical em estudo está associado à nuance semântica de “conter uma necessidade fisiológica”, podemos prever que um uso apropriado deste item lexical, além do contexto das necessidades fisiológicas mais específicas de urinar e defecar, também pode ser usado de forma adequada em contextos tais como os de conter ou suportar a “fome”, a “sede”, o “sono”, o “choro”, etc – uma observação validada pelos participantes surdos entrevistados na sessão de eliciação.

Além do contraste entre os diferentes contextos sintagmáticos de uso do sinal, que nos permitiu traçar um esboço inicial de sua rede polissêmica, outro procedimento de investigação semântica que adotamos foi o de substituir o sinal em estudo por sinônimos em potencial em cada um dos contextos frasais (POLGUERE, 2018). Com isso, o contraste entre diferentes versões de “uma mesma frase” nos possibilitou identificar outras redes paradigmáticas, agora baseadas em associações de sentido sinonímicas e também hiponímicas.

Tendo em vista que os itens lexicais em diferentes contextos, dadas as suas especificidades, exigirão diferentes sinais como *sinônimos aproximativos* (POLGUERE, 2018, p. 162), restringimos o nosso procedimento de substituição e contraste semântico à Frase 1 apenas, por limitações de espaço. Na Figura 6 abaixo, então, apresentamos novamente a Frase 1 acompanhada dos sinais potencialmente sinônimos, numerados como sinal 1, 2, 3 e 4.

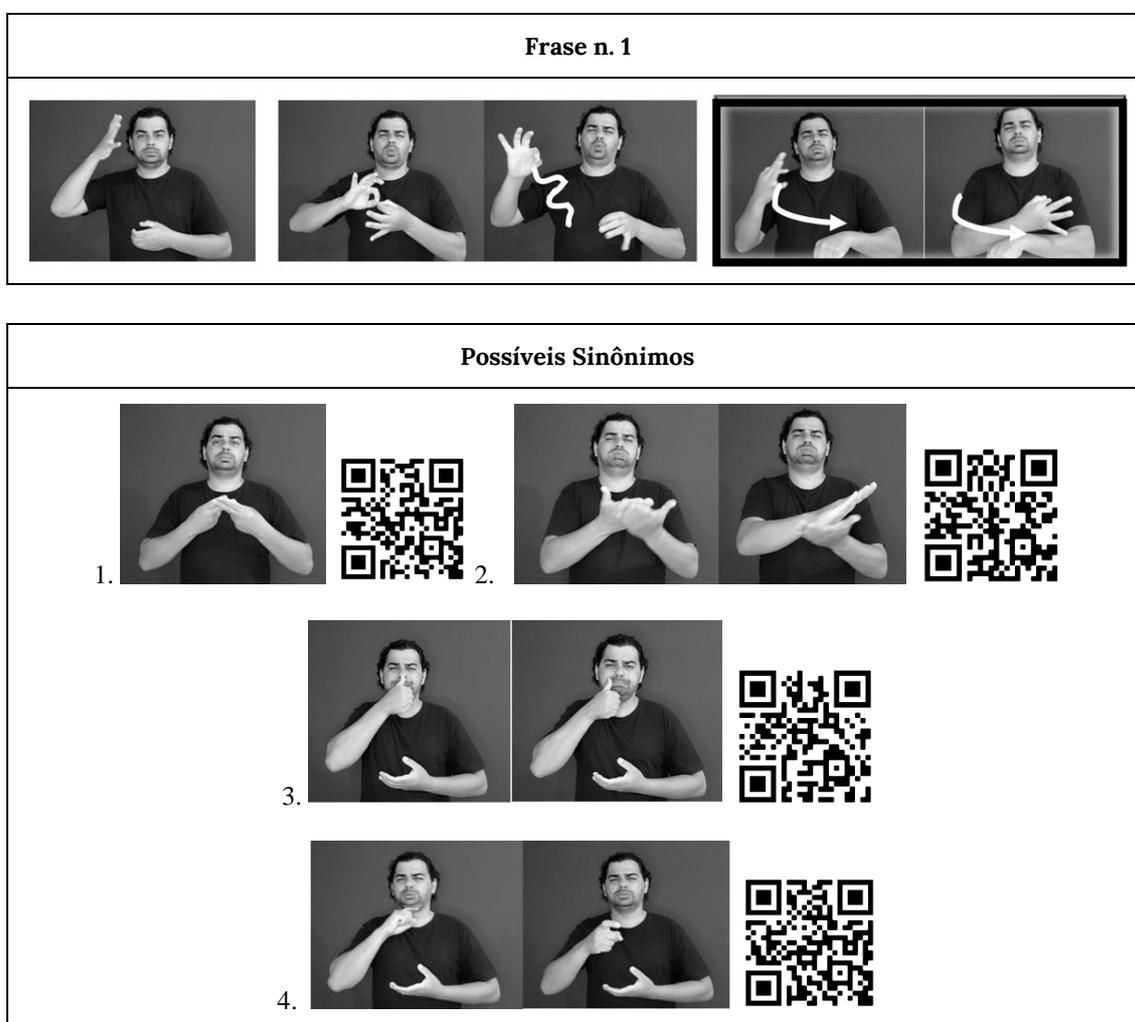


FIGURA 6 – possíveis sinônimos do sinal  no contexto da Frase 1.
Fonte: elaborada pelos autores.

Ao considerarmos as alternativas sinonímicas em suas relações umas com as outras, podemos identificar não apenas como o significado desses sinais se assemelham, mas também como se diferenciam. No caso em questão, o contraste entre o item lexical em estudo com os seus potenciais sinônimos nos revela que todos esses sinais envolvem uma semântica em alguma medida ligada a “suportar e/ou conter um incômodo psicológico”. Por outro lado, a semântica de cada um desses sinais parece se diferenciar com relação ao quão intenso e/ou o quão suportável é o incômodo, conforme ilustramos na Figura 7 abaixo.

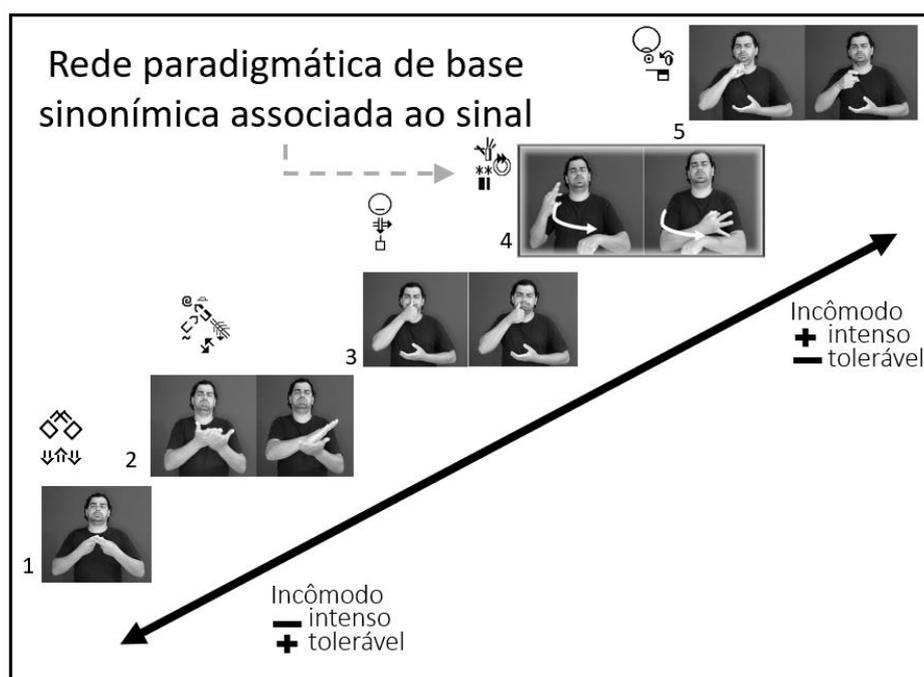


FIGURA 7 – rede paradigmática de base sinonímica do sinal em estudo no contexto da Frase 1.

Fonte: elaborada pelos autores.

Além disso, ao refletirmos sobre a semântica dos sinais estudados recorrendo tão somente à libras como metalinguagem, parece-nos que um dos sinais se destaca como um item lexical de sentido mais amplo, abrangendo o significado dos demais sinais, de sentidos mais específicos, mostrando-se desta maneira como um hiperônimo dos demais sinais (PIETROFORTE; LOPES, 2007). A Figura 8 abaixo ilustra essa relação hierárquica, em que o nosso item lexical em estudo, referenciado abaixo como o sinal 4, assim como os seus sinônimos 2, 3 e 5, apresentam uma relação de hiponímia em relação ao sinal 1, de significado mais abrangente.

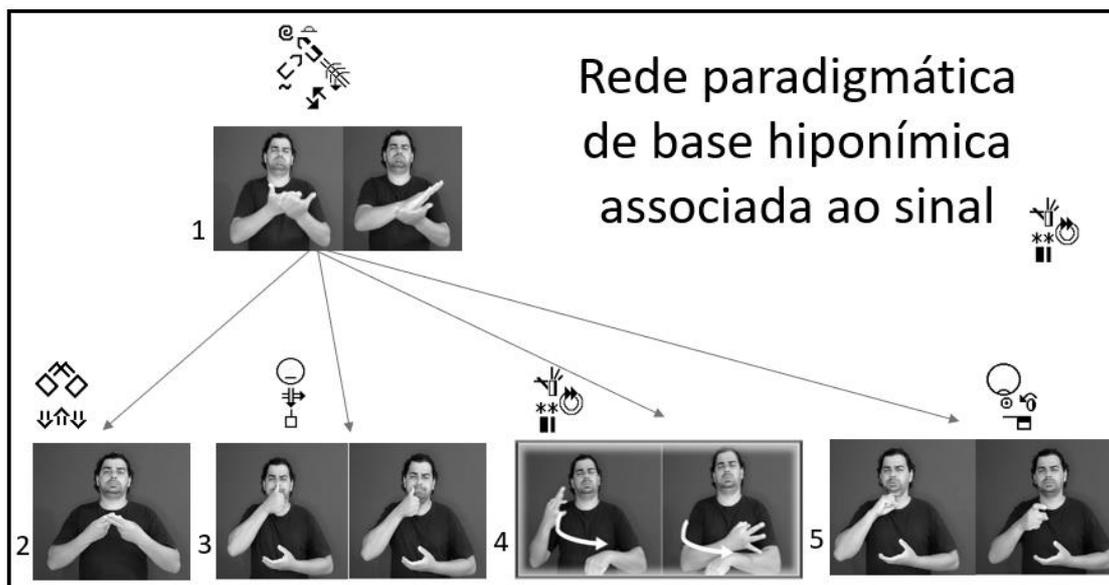


FIGURA 8 – rede paradigmática de base hiponímica do sinal em estudo no contexto da Frase 1.

Fonte: elaborada pelos autores.

Ao passo que o sinal 1 denota uma “sensação de incômodo”, de modo geral, os demais sinais apresentam sentidos mais específicos. Recorrendo mais uma vez à intuição dos falantes da libras, identificamos que o sinal 2 salienta “uma relativa tolerância diante de um incômodo possivelmente persistente”; o sinal 3 salienta o “aspecto desagradável de um incômodo também persistente”; o sinal 4, “a pouca tolerância com um incômodo intenso e que pede uma solução urgente”; e o sinal 5, a “incapacidade de lidar com um incômodo intolerável”.

Considerando essas diferentes redes paradigmáticas de base semântica associadas ao sinal em estudo – a rede polissêmica, sinonímica e hiponímica – pudemos então esboçar uma definição metalinguística para o item lexical em estudo, que apresentamos na Figura 9 abaixo.



FIGURA 9 – possível definição metalinguística do sinal 🗣️.

Fonte: elaborada pelos autores.

5. Libertando-se da tirania das glosas

A criação de um sistema de notação para as LSs por William Stokoe, em 1960, foi certamente um passo imprescindível para o reconhecimento dessas línguas enquanto sistemas linguísticos plenos, tornando evidente a possibilidade de uma análise estrutural das LSs. Apesar disso, desde então, nenhum sistema de notação de sinais ou mesmo de escrita de sinais foi desenvolvido a ponto de ser incorporado no cotidiano de vida das pessoas surdas, tampouco como prática metodológica usual em pesquisas acadêmicas. Essa situação sociolinguística que, guardadas as devidas especificidades, se assemelha à de uma diglossia (FERGUSON, 1959), tem tornado os pesquisadores da libras praticamente reféns do apelo a palavras do português quando se veem na necessidade de representar

graficamente as línguas de sinais nos diversos estágios das pesquisas, dada a importância da escrita nas pesquisas linguísticas.¹⁰

Certamente, é preciso reconhecer que a muleta das glosas teve um papel crucial no desenvolvimento das pesquisas linguísticas das línguas de sinais e ainda se apresenta como uma estratégia metodológica útil e justificada em determinados contextos de pesquisa.¹¹ Ainda assim, precisamos igualmente reconhecer que ela enviesada e simplifica a nossa compreensão sobre a semântica da libras, direcionando nosso olhar inevitavelmente para palavras isoladas em português. Além disso, sugere implicitamente que a semântica e a gramática das LSs sejam dependentes das LOs, um dos mitos que paradoxalmente lutamos para desconstruir. Por esse motivo, compreendemos que os métodos de transcrição baseados em glosas talvez devessem ser evitados nas pesquisas linguísticas das línguas de sinais sempre que alternativas de representação gráfica dos sinais estiverem disponíveis.

É importante salientar, mais uma vez, que essa postura metodológica de recusa ao apelo a palavras do português não implica negar o fato óbvio do contato linguístico entre libras e português na vida das pessoas surdas, que naturalmente acarreta em influências do português sobre a libras em diversos níveis da estrutura linguística, incluindo as influências semânticas de palavras do português sobre sinais da libras. Ainda assim, uma compreensão científica sobre o significado dos sinais não pode ser alcançada a menos que consideremos as relações de sentido que os sinais estabelecem entre si no próprio sistema linguístico da libras – no eixo combinatório da composição de sentenças (as relações sintagmáticas) e no eixo associativo das relações de forma e sentido que determinam a seleção de um certo sinal e não outros (as relações paradigmáticas) em contextos linguísticos particulares (SAUSSURE, 2006 [1913]).

Ainda que a relação de dependência linguística e cultural entre pessoas surdas e ouvintes, e conseqüentemente entre LSs e LOs, tenha sido cientificamente posta em cheque por William Stokoe há cerca de 60 anos atrás, nossos modos de desenvolver a ciência linguística continuam baseados na escrita, de forma profundamente arraigada e institucionalizada. A tecnologia da escrita sempre foi e ainda é o mais poderoso meio de produção e disseminação de conhecimento no campo das Letras e da ciência de modo geral. Assim, de modo a nos distanciarmos de uma atitude “quase neocolonialista” em nossas pesquisas voltadas às línguas de sinais, consideramos importante atuarmos em duas frentes: primeiro, continuar fomentando o desenvolvimento e o uso de sistemas de escrita de sinais nas pesquisas linguísticas e no cotidiano de vida dos falantes da libras; e segundo, incorporar em nossas pesquisas recursos digitais tais como o desenho, a fotografia e o vídeo de modo mais

¹⁰ Uma das mais fortes restrições ao desenvolvimento da linguística das línguas de sinais em seus próprios termos é o fato de as publicações científicas estarem quase em sua totalidade estruturadas por meio de mídias escritas nas línguas orais nacionais, em nosso caso o português (e.g. TCCs, dissertações, teses, artigos, livros). Não por acaso, são os pesquisadores surdos da libras que estão na vanguarda da inovação de gêneros textuais acadêmicos por meio da exploração da mídia em vídeo (CARDOSO, 2016; MACHADO, 2017; PIMENTA, 2019; ROSSO; SOARES, 2012; SILVA, 2013; 2019).

¹¹ Por exemplo, dado que os sistemas de escrita de sinais ainda não estão plenamente adaptados às mídias digitais, a exploração de corpora de línguas de sinais depende diretamente das anotações dos sinais manuais em forma de glosas padronizadas, como na proposta do ID-Sinais (QUADROS, SOARES E MIRANDA, 2014).

sistemático, explorando as novas tecnologias de comunicação para a representação gráfica dos sinais. Desse modo, esperamos nos aproximar de uma compreensão da libras e das demais línguas de sinais em seus próprios termos, isto é, de um modo que reconheça verdadeiramente a sua independência em relação às línguas orais circundantes.

Agradecimentos

Agradecemos à Rachel Louise Sutton Spence por nos indicar o artigo de Dan Slobin, que nos ofereceu uma importante sustentação teórica e metodológica para a abordagem semântica que vínhamos desenvolvendo em nosso projeto.

REFERÊNCIAS

- BAKER C.; PADDEN C. Focusing on the non-manual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.) *Understanding Language Through Sign Language Research*, New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.
- CARDOSO, A. B. da R. *Vídeo registro em libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos*. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/PGET), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169221>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.
- CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994. 327 p.
- CUNHA, A. F. da; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística*. In: MARTELOTTA, M. E. (Ed.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto. 254 p.
- ESTELITA, M. *ELiS - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91819>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.
- FERGUSON, C. Diglossia. *Word*, v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1959.11659702>. Acesso em: 28 fevereiro 2021. DOI: 10.1080/00437956.1959.11659702.
- GESSER, A. *Libras: Que língua é essa?* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GUMPERZ, J. *Convenções de contextualização*. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Ed.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 149-182.
- KENDON, A. *Semiotic diversity in utterance production and the concept of 'language'*. *Philosophical Transactions of the Royal Society.*, v. 369, p. 1-13, 2014. Disponível em:

<https://royalsocietypublishing.org/doi/pdf/10.1098/rstb.2013.0293>. Acesso em: 28 fevereiro 2021. DOI:
<https://doi.org/10.1098/rstb.2013.0293>.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.). *Language in use: Readings in sociolinguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984. p. 28-66.

LANGACKER, R. W. An introduction to cognitive grammar. *Cognitive Science*, v. 10, n. 1, p. 1-40, 1986.

LEITE, T. de A. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In: QUADROS, R. M. de; LEITE, T. A.; STUMPF, M. (Eds.). *Estudos da língua brasileira de sinais*, v. 2. Florianópolis: Insular, 2013. p. 37-58. Disponível em: shorturl.at/fsyGW. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

LEITE, T. de A. Reflexões terminológicas no campo da linguística (das línguas de sinais). In: REIS, L. da S.; FIGUEIREDO, A. A. de A. (Org.), *Línguas de sinais de um continente a outro: Atualidades linguísticas, culturais e de ensino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 187-214.

LIDDELL, S. K. *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, F. *Antologia da poética em língua de sinais brasileira*. 2017. Vídeo. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução/PGET), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

MAHER, T. Valorização das línguas indígenas e multiculturalidade no Brasil. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 467, 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/467>. Acesso em: 27-02-2021.

MARQUES, R. R.; SOARES, J. O. A normatização de artigos acadêmicos em libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: *Anais do 3º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de libras e Língua Portuguesa*, 3, 2012, Florianópolis. Disponível em: shorturl.at/nAEG7. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Ed.). *Bilinguismo e surdez: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

PAULSTON, C. B. *Bilingual education: Theories and issues*. Massachusetts: Newbury House Publishers Inc, 1980.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. Semântica lexical. In: FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística*, v. 2. São Paulo: Contexto, 2007. p. 111-136.

PIMENTA, N. *Prosódia em ASL e libras: Análise comparativa de aspectos visuais*. 2019. Vídeo. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos em Tradução/PGET), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <http://tese.nelsonpimenta.com.br>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

POLGUERE, A. *Lexicologia e semântica lexical: Noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M.; NEVES, B. C.; LUCHI, M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T. *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio lingüístico brasileiro*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. Disponível em: shorturl.at/nCWZ2. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

QUADROS, R. M. de; SOARES, J. S. de; MIRANDA, R. D. ID-Sinais para organização e busca de corpus em libras. In: STUMPF, M.; LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. de. Estudos da Língua Brasileira de Sinais, v. 2. Florianópolis: Insular, 2014, p. 29-44. Disponível em: shorturl.at/fsyGW. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006 [1913].

SILVA, R. C. Indicadores de formalidade no gênero monológico em libras. 161 f. 2013. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122823>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

SILVA, R. C. Gêneros emergentes em libras da esfera acadêmica: A prova como foco de análise. 241 f. 2019. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: shorturl.at/ksvN6. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

SLOBIN, D. Quebrando modelos: As línguas de sinais e a natureza da linguagem humana. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 844-853, 2015 [2008]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n3p844>. Acesso em: 28 fevereiro 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2015v12n3p844>.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. Studies in Linguistics, n. 8. University of Buffalo, 1960.

STUMPF, M. R. Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: Língua de sinais no papel e no computador. 330 f. 2005. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>. Acesso em: 28 fevereiro 2021.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. Aprender a Ver. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.